



# Recortes de Imprensa

Maio 2015



COM O APOIO:



Responsável criativo da FCB Lisboa explica o racional por detrás das campanhas - exposição de crianças nas redes sociais e violência doméstica - para a APAV

## Edson Athayde: "Expor miúdos na net pode levar a questões sérias de segurança"



Edson Athayde lidera criatividade da FCB Lisboa

07/05/2015 | 12:32 | Dinheiro Vivo

**A FCB Lisboa, onde Edson Athayde é CEO e Chief Creative Officer, acaba de lançar uma campanha publicitária de alerta sobre os perigos de expor as crianças na Internet. Simultaneamente, desenvolveu um catálogo especial com função de sensibilizar e combater a violência doméstica.**

"Numa parceria com a APAV [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima], a agência criou alguns projetos de comunicação, tendo em vista **explorar temas pouco comuns ou, na outra ponta do espetro, temas mais comuns de uma maneira fora do padrão**", explica ao Dinheiro Vivo, Edson Athayde.



## APAV acaba de lançar nova campanha de sensibilização contra a violência doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acaba de lançar uma campanha de sensibilização contra a violência doméstica. A campanha de alerta, desenvolvida pela agência FCB Lisboa, vai chegar por correio a alguns lares portugueses em forma de catálogo.

O catálogo chama-se «Home» e parece, à primeira vista, um álbum de móveis para venda. Mas na verdade este é um catálogo para folhear de olhos bem abertos, para acordar consciências.



O catálogo inclui histórias verdadeiras, traduzidas em estatísticas da violência praticada em ambiente doméstico no nosso país em 2014.

A violência doméstica é um problema transversal: afeta sobretudo mulheres, mas também homens, crianças, pessoas idosas. O foco da campanha nos espaços comuns do interior de uma casa de família e em objetos do quotidiano chama a atenção para a proximidade do problema.

«Os números neste catálogo precisam de diminuir até 2016». Eis uma meta clara, em tom de imperativo, como resposta aos dados alarmantes de 2014. No ano passado 48 pessoas morreram no âmbito da violência doméstica no nosso país, entre as quais 43 mulheres.

O catálogo está disponível online em [www.apav.pt/catalogo/home2015](http://www.apav.pt/catalogo/home2015) e pode e deve ser partilhado, para lembrar que a violência doméstica pode estar muito próxima.

A APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da Linha de Apoio à Vítima (116 006), apoia todas as pessoas que sejam vítimas de crime, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social.





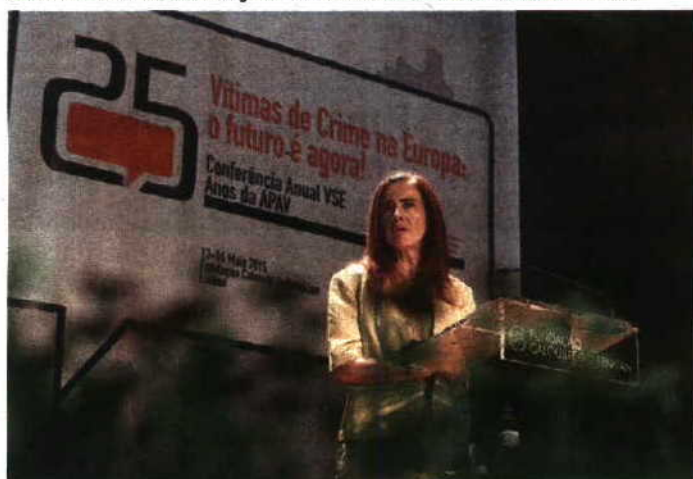
TIAGO PETIMEDAL/USA

## Ministra volta a insistir que lista de pedófilos não será pública

**VÍTIMAS** Paula Teixeira da Cruz voltou ontem a insistir que a lista com o nome de condenados por crimes de abuso sexual de crianças nunca é facultada a ninguém, nem mesmo aos pais das crianças. A governante falou, em Lisboa, na conferência internacional que assina-

la o 25º aniversário da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Num breve discurso, a ministra elencou uma série de iniciativas do governo para proteger as vítimas de crime, sobretudo o que foi feito pela sua tutela para proteger as crianças.

## 25 ANOS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA



MARILNE ALVES

**Violência doméstica abaixo da média da UE**

■ A ministra da Administração Interna, Anabela Rodrigues, garantiu ontem, numa conferência que assinalou os 25 anos da APAV, que os números da violência doméstica em Portugal são inferiores aos da média europeia.



## A passividade “é uma característica” das vítimas

**Clara Viana**

O psicólogo Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), considera que a “estranheza” que tem sido demonstrada face à passividade com que o rapaz da Figueira da Foz reage à agressão por colegas decorre de um “estereótipo, que importa desmontar”.

“Quando se é vítima de violência entre pares, a passividade é uma característica dos dois géneros”, comenta.

Cotrim também não estranha que a vítima só agora tenha apresentado queixa, quase um ano depois da agressão. “Muitas vezes, as pessoas que são alvo de actos de vitimização não sabem que estão a ser vítimas. Essa consciência só poderá ter despertada a partir do momento em que o vídeo foi colocado nas redes sociais, gerando uma censura social que levou o jovem a sentir-se reforçado para avançar com a participação criminal.”

Esta reacção de censura é uma das “vantagens” apontadas por Cotrim à divulgação pública destes fenómenos. “Alerta-nos para este tipo de situações e permite que a sociedade se tenha tornado mais intolerante em relação a elas”, frisa. Este é um dos lados da moeda. Mas há outro.

Estará o jovem do vídeo a ser vítima de *bullying*? Cotrim lembra que este tipo de violência entre pares implica uma “acção de vitimização continuada” que não se sabe ainda se existiu, mas não tem dúvidas de que a partir do momento em que a agressão foi filmada e colocada nas redes sociais, com o intuito de humilhar a vítima, se está perante um caso de *cyberbullying*, um fenómeno que está em ascensão. “É importante que a resposta da justiça seja exemplar, porque tal contribuirá para que estas situações não se repitam. Não estou a defender prisões preventivas, mas sim que no final se possa dizer que se fez justiça porque a vítima viu reparados os danos que sofreu”, acrescenta.

Já o sociólogo João Sebastião considera que este caso pode ser mais um de violência no namoro, que engloba também agressões e insultos contra

ex-namorados ou aos seus parceiros actuais. “Num estudo que realizei sobre a violência no namoro entre adolescente de 15 anos no concelho de Cascais deparei com muitos casos destes”, refere o também coordenador do Observatório de Segurança Escolar.

Esta violência, que deriva da “imaturidade emocional da dificuldade em resolver conflitos”, é praticada tanto por rapazes como por raparigas, mas é “mais frequente serem elas a praticá-la, talvez porque tenham mais dificuldades em lidar com a situação” de rejeição, adianta.

No estudo que realizou em Cascais foram abrangidos mais de 50 alunos e uma das conclusões a que se chegou foi que são as raparigas quem mais exerce violência emocional ou de exclusão social. Em 2014, segundo dados do último Relatório Anual de Segurança Interna, houve 1549 quei-



Segundo o Relatório de Segurança Interna, houve 1549 queixas por violência no namoro em 2014

xas por violência no namoro. No ano anterior tinham sido 1050. Segundo João Sebastião, muitas escolas estão já preparadas para intervir neste domínio.

Em Maio de 2011, outro vídeo colocado no Facebook testemunhando a agressão de uma jovem de 13 anos por outras duas raparigas, de 15 e 16 anos, também gerou uma onda de choque. Foram constituídos seis arguidos, entre eles o jovem que filmou e colocou o vídeo no Facebook e que, em conjunto com a agressora de 16 anos, chegou a ser colocado em prisão preventiva por alguns dias. O processo foi julgado em 2012, tendo os jovens sido condenados a penas suspensas sob condição de voltarem à escola ou frequentarem cursos de formação. A pena maior, de dois anos e nove meses de prisão, foi para a principal autora das agressões, condenada por ofensas à integridade física qualificada e por dois crimes de roubo (um na forma consumada e outro na forma tentada).





“É um tema recente. Mas a sua prática é antiga. E poucos dados existem para avaliar a sua dimensão. No entanto, a violência que envolve idosos é um fenómeno em crescimento. As vítimas são, na maioria dos casos, mulheres e os agressores são, maioritariamente, o cônjuge ou companheiro e os filhos. Também a violência começa em casa

# Violência a partir dos 65

## A antiga realidade dos tempos modernos

• SONIA PACHECO

Parece ser um tema recentemente introduzido na sociedade, mas sabemos que a violência que envolve idosos tem sido perpetuada ao longo dos séculos. Não existem bases de dados, estatísticas ou estudos aprofundados que possam demonstrar a dimensão do problema. No entanto, podemos retirar conclusões e ter alguma percepção ao tentar conversar com fontes institucionais e ao analisar os poucos documentos que são divulgados. Mas também é certo que os números ficarão sempre muito aquém da verdadeira realidade uma vez que muitos crimes ainda não são alvo de queixa.

Dados gerais, divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), mostram que a violência que envolve idosos é um fenómeno em crescimento, tendo a associação recebido, em

2014, 852 pedidos de ajuda de vítimas com 65 ou mais anos de idade, mais 66% do que no início do século XXI. Uma diferença que não atesta linearmente o aumento de violência, mas que pode ser justificada pelo aumento de queixas resultante da crescente consciencialização da sociedade para este fenómeno. Nos últimos tempos, têm sido realizadas várias campanhas de sensibilização no sentido de incentivar as vítimas a fazer valer os seus direitos e, consequentemente, a apresentar queixa.

### A violência começa em casa

“Pessoas idosas vítimas de crime e de violência (2000-2012)”, publicado pela APAV, revela que, em Portugal, durante este período de tempo, 82% das vítimas eram do sexo feminino

e 68% dos autores dos crimes eram do sexo masculino, maioritariamente os cônjuges ou companheiros e os filhos. De sublinhar ainda que 22% dos agressores tinham 65 ou mais anos, eles próprios idosos como as suas vítimas. Segue-se a faixa etária dos 36 aos 45 anos (11%). Relativamente aos crimes praticados a violência doméstica é a categoria que regista o maior número de casos (80%). Seguem-se os crimes contra as pessoas e a humanidade (12%), crimes contra o património (7%), crimes contra a vida em sociedade e o estado (0,4%) e crimes rodoviários (0,2%). Dos factos criminosos englobados nestas categorias destacam-se maus tratos físicos, maus tratos psíquicos, ameaças/coacção, difamação/injúrias, furto, roubo, dano, abuso de confiança, burla, falsificação de documentos e

omissão de auxílio.

Do referido documento concluímos que a violência que envolve idosos se regista maioritariamente em contexto familiar, o que nos remete para um outro estudo mais recente, o projecto Envelhecimento e Violência (2011-2014), da responsabilidade do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, que inquiriu vítimas de violência com mais de 60 anos em contexto familiar. Neste estudo, confirma-se que as vítimas são, na esmagadora maioria, mulheres e que os seus agressores são os cônjuges ou companheiros e os filhos. Relativamente aos crimes, em contexto familiar, são avaliadas cinco categorias (violência física, violência psicológica, violência sexual e negligência). O crime mais reportado foi a violência física (88%), seguindo-

se a violência psicológica (70%) e a violência financeira (48%). Menos frequentes foram a violência sexual e a negligência. As agressões ocorreram de forma continuada, sendo que a maioria das vítimas sofreu múltiplos tipos de violência. As mais reportadas foram o bater/agredir (89%), o gritar (78%), o ameaçar (48%), o ignorar (47%) e o roubo (46%).

Episódios que provocaram nas vítimas medo, tristeza e vergonha. Sentimentos que, muitas vezes, impedem a apresentação da queixa. Mas, por outro lado, o querer proteger o agressor pela importância que dão à família e aos laços afectivos, normalmente cônjuge ou companheiro e filhos, também contribui para que a vítima não queira denunciar a situação ou o que o faça muito tardiamente.

No entanto, refira-se que muitas vezes a queixa não é apresentada pela própria vítima, mas sim por familiares, vizinhos, amigos, cuidadores ou profissionais de saúde, sendo que a maioria se dirige à PSP ou à GNR.

De acordo com estas fontes policiais, quando é apresentada queixa o processo é encaminhado para o Ministério Público e caso se verifique existir perigo de reincidência dada a proximidade do agressor, é, normalmente, contactada a APAV, sendo a vítima encaminhada para uma instituição de acolhimento.

#### Apoio 65 - Idosos em Segurança

O Programa Apoio 65 - Idosos em Segurança é uma iniciativa do Ministério da Administração Interna que pretende garantir as condições de segurança e a tranquilidade das pessoas idosas. O reforço de policiamento nos locais mais frequentados por idosos, a criação de uma rede de contactos directos e imediatos entre os idosos, a GNR e a PSP, em caso de necessidade, a instalação de telefones nas residências das pessoas que vivem mais isoladas e têm menores defesas e a colaboração com outras entidades que prestam apoio à terceira idade são as formas de actuação desta iniciativa.

No âmbito deste programa, existem, entre outros, a "Operação Censos Sénior", desenvolvida pela GNR ou o projeto "A Solidariedade não tem idade - A PSP com os Idosos", da responsabilidade da PSP. Através destas campanhas são sinalizados os idosos que vivem isolados e/

ou sozinhos e são identificados os que se encontram em risco, ao mesmo tempo que se promovem acções de sensibilização de forma a esclarecê-los e a incentivá-los a adoptar comportamentos de segurança, com vista a diminuir o risco de acções criminosas.

#### Comissão de Protecção do Idoso em Risco

Muitos defendem a existência de uma comissão de protecção de idosos, a par da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ), e em alguns concelhos já existe. É o caso de Vila de Rei onde "a Comissão de Protecção do Idoso em Risco de Vila de Rei (CPIRVR) tem por objetivo promover os direitos e prevenir ou pôr termo a situações que podem afectar a segurança, a saúde e o bem-estar do idoso vilarregense".

Mas não é prática comum, pelo que surgiu, em 2012, o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações, a Petição Pública "Por uma maior protecção dos idosos". Os signatários pretendem "a criação de uma comissão nacional para a protecção da terceira idade, bem como o lançamento de uma campanha de sensibilização a alertar a triste realidade do abandono e de maus-tratos contra as pessoas idosas". Com 5040 assinaturas, a petição deu entrada na Assembleia da República a 15 de Maio de 2012. O pedido de informação que a Comissão de Segurança Social e Trabalho endereçou ao Ministro da Solidariedade e da Segurança Social no âmbito da petição, obteve a seguinte resposta: "... Quanto à criação de uma Comissão Nacional de Protecção à 3ª Idade e aos objetivos a prosseguir pela mesma, designadamente, sinalizar e encontrar respostas e soluções para casos de maus-tratos e negligência praticados contra pessoas idosas, é nosso entendimento que tal já se encontra salvaguardado no âmbito da intervenção das redes locais de base local. Perante a multiplicidade de acções em curso e de actores sociais envolvidos e empenhados na resolução da problemática da violência, não se nos afigura da necessidade de uma nova comissão destinada especificamente às pessoas idosas".

O documento foi enviado para o Parlamento a 18 de Março de 2015.

**852**

pedidos de ajuda de vítimas com mais de 65 anos, recebidos pela APAV, em 2014

**82**

por cento das vítimas são mulheres

**68**

por cento dos agressores são homens

**80**

por cento dos casos de violência ocorrem em casa

**89**

por cento dos crimes reportados são agressões físicas

**22**

por cento dos agressores também têm mais de 65 anos





# Violência doméstica. Um catálogo contra a indiferença

Muitos lares aparentemente normais escondem histórias horríveis de violência. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima acaba de lançar uma campanha inédita contra o conformismo e a indiferença, desenvolvida pela agência FCB Lisboa. A ideia tem dado que falar nas redes sociais já que à primeira vista parece um catálogo do IKEA. Lá dentro há números e relatos de agressões. "O seu lar reflecte-o", alerta a APAV. A violência doméstica continua a matar uma pessoa por semana e 85% das vítimas são mulheres. "Os números neste catálogo precisam de diminuir até 2016", lê-se na capa. Vai ser distribuído por correio e pode ser lido na net

MARTA F. REIS [marta.reis@ionline.pt](mailto:marta.reis@ionline.pt)





comunidade intermunicipal  
do **Alto Alentejo**

## Assinado Protocolo de colaboração com a APAV



A CIMAA e a Associação de Apoio à Vitima (APAV), assinaram a 10 de abril um Acordo de Colaboração na Câmara Municipal de Ponte de Sor. O documen-

to visa promover a prevenção da criminalidade, a sensibilização pública e a informação, proteção e apoio aos cidadãos vítimas de todos os crimes.





## Apoio à vítima

# Quer ser Voluntári@ APAV?

A APAV conta com uma Rede de Voluntários/as que constituem o principal valor da organização. São a verdadeira força solidária, disponibilizando o seu tempo para apoiar aqueles/as que mais precisam.

Os/As Voluntári@s APAV devem ser maiores de idade e, preferencialmente, com formação académica superior. A APAV proporciona, a todas as pessoas que forem selecionadas, uma formação especializada como Técnico/a de Apoio à Vítima.

Apelamos aos jovens que queiram adquirir experiência profissional e valorização pessoal, bem como, aos menos jovens que queiram dar o seu contributo e ver a sua experiência aplicada e valorizada.

Como Voluntário/a poderá apoiar vítimas de crime, suas famílias e amigos, de forma gratuita e confidencial, participar na informação e sensibilização da sociedade sobre os direitos das víti-

*Para ser  
voluntário da  
APAV entre em  
contacto com  
o gabinete de  
Setúbal através  
do email [apav.setubal@apav.pt](mailto:apav.setubal@apav.pt)*

mas, promover a realização de ações de prevenção da violência e da criminalidade, entre outros.

## Quer ser Voluntári@ APAV?

Entre em contacto com o Gabinete de Setúbal, através do e-mail – [apav.setubal@apav.pt](mailto:apav.setubal@apav.pt), através do preenchimento da Ficha de Candidatura, disponível no portal APAV – [www.apav.pt](http://www.apav.pt).

## Testemunhos de voluntári@s:

“Decidi ser voluntária na APAV quando ainda estava na faculdade, como complemento à mi-



nhá formação e onde fiquei durante 4 anos. Encontrei uma equipa de excelência cuja missão em comum é apoiar as vítimas de crime e que para além da experiência profissional que me trouxe, deu-me igualmente bastante valorização e crescimento pessoal.” (Rita C.)

“Sou licenciada em Serviço Social e resolvi juntar-me à equipa de voluntários da APAV pois ao ver o aumento de denúncias de crimes de violência senti que não poderia

ser mais uma a comentar e não dar o meu contributo às pessoas que passam por estas situações. Ao chegar à APAV senti-me acarinhada e sinto dia após dia uma enorme valorização e realização pessoal” (Vanessa F.)

**Quem é vítima de crime conta com a APAV e a APAV conta com os/as seus/suas voluntári@s.**

\*Nota: escrito ao abrigo do Artigo Ortográfico





## Apoio à vítima

# A pessoa idosa, a sociedade, a família e a violência

A violência contra idosos aumentou 10% em 2014 e em média, na APAV, foram atendidos 16 idosos por semana.

Estes foram os poucos que conseguiram chegar até nós, pedir ajuda, sozinho ou apoiados por instituições, amigos, vizinhos e até familiares. E os outros?

Cada vez mais se ouve falar em casos de pessoas idosas encontradas em casa, muitos completamente sós, com sinais de abandono, negligência e maus-tratos.

São cada vez mais frequentes as disputas de heranças ou puro interesse económico, quando o mais velho ainda está vivo.

Proliferam as institui-

ções que acolhem pessoas idosas e as privam das necessidades básicas, da medicação, da sua liberdade e mais grave ainda as maltratam e as olham apenas como fonte de rendimento.

É difícil envelhecer numa sociedade onde o ser jovem, parecer jovem está na moda. Os mais velhos, para além de considerados “inúteis”, passaram a ser vistos como feios, desinteressantes e desajustados à sociedade.

Hoje, as pessoas idosas tornam-se como que objetos, de casa em casa, de casa para lar, marionetas sem cordéis, a quem não é permitido, sequer, manifestar a

opinião sobre o seu próprio destino. E têm esse direito, o direito de decidir o seu futuro!

Tornou-se “normal e aceitável” que os familiares, que gerem arrogantemente os bens da pessoa idosa, disputando heranças que ainda não receberam, “depositem” em Lares os seus pais, os seus avós, os “seus mais velhos”, demitindo-se das suas responsabilidades familiares.

São estes os valores e as referências que queremos transmitir aos mais jovens?

É bom lembrar que todos nós, um dia, mais próximo ou mais distante, vamos ser os mais velhos! E depois?



Conhece alguém nestas condições? Suspeita de alguma situação? Se é vizinho, amigo, familiar, profissional que contacta com a população mais velha, não deixe estas situações passarem ao seu lado e não vire a cara à sua responsabilidade como cidadão livre. Faça-nos chegar a situação, dando voz ao silêncio da pessoa idosa.



## Concerto assinala 25 anos da APAV

O Coliseu Micaelense recebe hoje, pelas 17h00, um concerto que junta no mesmo palco a Banda Militar dos Açores e o grupo Al-químia, no âmbito das comemorações do 25.<sup>a</sup> aniversário da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A APAV tem como missão apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

A associação foi fundada em 25 de junho de 1990, sendo uma instituição de âmbito nacional que tem uma representação em Ponta Delgada. ♦ ACM

# APAV admite “aumento ligeiro” de denúncias de bullying nos Açores

Helena Costa disse que 80% das situações de ‘bullying’ que chegam até à APAV referem-se a violência doméstica, a que se seguem os crimes contra as pessoas e os crimes contra o património. Há crianças que demonstram receio em anunciar aos pais que são vítimas de ‘bullying’ na escola e, no entender da especialista, é preciso inverter esta tendência para se acabar, em definitivo, com o ‘tabu’.



Na Escola Domingos Rebelo está a decorrer um programa de prevenção e de alteração de comportamentos

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse haver um “aumento ligeiro” de denúncias de casos de “bullying” nos Açores, que “regra geral” ocorrem nas imediações das escolas ou no percurso até à escola e no espaço virtual.

“É um aumento ligeiro. As escolas têm o problema controlado internamente e tentam resolver estes assuntos internamente sempre que há um conflito, mas muitas vezes acontece nas imediações [das escolas]”, disse a coordenadora nos Açores da APAV, Helena Costa. As escolas têm apostado muito na prevenção com o apoio da Polícia de Segurança Pública.

Embora sem avançar com números, admitiu que aparecem mais denúncias, um aumento que justifica por ser também um problema “mais focado na comunicação social”. Admite-se que haja situações de ‘bullying’ não declarado, ou seja, há crianças a serem pressionadas por colegas, que ficam sem almoço e alguns bens escolares, que são ‘encostados à parede’, que são marginalizados por não corresponderem a determinados padrões.

“Muitas vezes, estamos a fazer um atendimento a uma criança por causa de um problema que não está relacionado com ‘bullying’ e é no decorrer deste atendimento que ela nos conta que é vítima de ‘bullying’. Portanto, o silêncio também é maior inimigo nesta ten-

tativa da APAV em apoiar as vítimas de ‘bullying’”, disse, alertando que os pais têm de estar atentos “a sinais muito subtils”, como uma recusa em frequentar as aulas ou em ir para os intervalos.

De acordo com Helena Costa, são sobretudo telefonemas e e-mails que chegam à APAV com estas denúncias.

“Batem-nos à porta muitos miúdos, mas sobretudo telefonam ou enviam e-mails crianças que se sentem prejudicadas por outros colegas na sua vida quando são vítimas de ‘bullying’”, avançou.

Helena Costa disse que a APAV tem apostado nos últimos anos em ações de informação e sensibilização que já abrangeram centenas de professores e alunos, em todas as escolas dos Açores, e que incidiram sobre estudantes do 7.º, 8.º e 9.º anos.

“Além disso, as escolas, quando têm um problema, contactam-nos. Isto tem acontecido em situações de ‘bullying’ ou violência no namoro. Mas o que é importante, e as vítimas de ‘bullying’ têm de ter isto em consideração, é que devem contar a alguém, porque enquanto não contarem ninguém vai poder ajudar”, frisou.

A questão do ‘ciberbullying’ é outra das temáticas focadas pela APAV no seu trabalho de sensibilização, tendo Helena Costa alertado para a supervisão que os adultos devem fazer em relação

ao que se passa com os seus filhos “nas redes sociais”.

“Sempre existiram situações de ‘bullying’ entre crianças. O que está a acontecer é que existem novas formas de ‘bullying’, nomeadamente, através do recurso à internet e às redes sociais e, portanto, vão sempre surgindo novas situações que podem configurar ‘bullying’”, sustentou, considerando, contudo, que as vítimas têm “muita relutância” em denunciar.

Nos Açores, e no âmbito de um projeto nacional, a escola Domingos Rebelo, em Ponta Delgada, desenvolve durante o ano letivo um programa de prevenção e de alteração de alguns comportamentos, nomeadamente relações afetivas com violência, a violência entre pares e consumo de substâncias psicoativas, explicou ainda.

“É preciso que as crianças contem aos seus pais e este é um grande problema da situação de ‘bullying’. É que as crianças têm vergonha de contar e estamos a falar de uma prática que pode prejudicar os jovens em termos futuros”, alertou, relatando que existem ainda crianças que não partem para a denúncia por “não sentirem apoio por parte da família”.

Helena Costa disse que 80% das situações que chegam até à APAV nos Açores referem-se a violência doméstica, a que se seguem os crimes contra as pessoas e os crimes contra o património.





ID: 59335563

19-05-2015

# Açores registam “aumento ligeiro” de denúncias por ‘bullying’

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse haver um “aumento ligeiro” de denúncias de casos de ‘bullying’ nos Açores, que “regra geral” ocorrem nas imediações das escolas ou no percurso até à escola e no espaço virtual.

“É um aumento ligeiro. As escolas têm o problema controlado internamente e tentam resolver estes assuntos internamente sempre que há um conflito, mas muitas vezes acontece nas imediações [das escolas]”, disse a coordenadora nos Açores da APAV, Helena Costa, frisando que as escolas do arquipélago têm apostado na prevenção.

Embora sem avançar com números, admitiu que aparecem mais denúncias, um aumento que justifica por ser também um problema “mais focado na comunicação social”.

“Muitas vezes, estamos a fazer um atendimento a uma criança por causa de um problema que não está relacionado com ‘bullying’ e é no decorrer deste atendimento que ela nos conta que é vítima de ‘bullying’”. Portanto, o silêncio também é maior inimigo nesta tentativa da APAV em apoiar as vítimas de ‘bullying’”, disse, alertando que os pais têm de estar atentos “a sinais muito subtils”, como uma recusa em frequentar as aulas ou em ir para os intervalos.

De acordo com Helena Costa, são sobretudo telefonemas e e-mails que chegam à APAV com estas denúncias.

“Batem-nos à porta muitos miúdos, mas sobretudo telefonam ou enviam e-mails crianças que se sentem prejudica-



das por outros colegas na sua vida quando são vítimas de ‘bullying’”, avançou.

Helena Costa disse que a APAV tem apostado nos últimos anos em acções de informação e sensibilização que já abrangeram centenas de professores e alunos, em todas as escolas dos Açores, e que incidiram sobre estudantes do 7.º, 8.º e 9.º anos.

“Além disso, as escolas, quando têm

um problema, contactam-nos. Isto tem acontecido em situações de ‘bullying’ ou violência no namoro. Mas o que é importante, e as vítimas de ‘bullying’ têm de ter isto em consideração, é que devem contar a alguém, porque enquanto não contarem ninguém vai poder ajudar”, frisou.

A questão do ‘cyberbullying’ é outra das temáticas focadas pela APAV no seu

trabalho de sensibilização, tendo Helena Costa alertado para a supervisão que os adultos devem fazer em relação ao que se passa com os seus filhos “nas redes sociais”.

“Sempre existiram situações de ‘bullying’ entre crianças. O que está a acontecer é que existem novas formas de ‘bullying’, nomeadamente, através do recurso à internet e às redes sociais e, portanto, vão sempre surgindo novas situações que podem configurar ‘bullying’”, sustentou, considerando, contudo, que as vítimas têm “muita relutância” em denunciar.

Nos Açores, e no âmbito de um projecto nacional, a escola Domingos Rebelo, em Ponta Delgada, desenvolve durante o ano lectivo um programa de prevenção e de alteração de alguns comportamentos, nomeadamente relações afectivas com violência, a violência entre pares e consumo de substâncias psicoactivas, explicou ainda.

“É preciso que as crianças contem aos seus pais e este é um grande problema da situação de ‘bullying’. É que as crianças têm vergonha de contar e estamos a falar de uma prática que pode prejudicar os jovens em termos futuros”, alertou, relatando que existem ainda crianças que não partem para a denúncia por “não sentirem apoio por parte da família”.

Helena Costa disse que 80% das situações que chegam até à APAV nos Açores referem-se a violência doméstica, a que se seguem os crimes contra as pessoas e os crimes contra o património.



# “Aumento ligeiro” de denúncias de ‘bullying’

A APAV diz haver um “aumento ligeiro” de denúncias de casos de ‘bullying’ nos Açores, que “regra geral” ocorrem nas imediações das escolas

LUSA  
Açoriano Oriental

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse ontem haver um “aumento ligeiro” de denúncias de casos de ‘bullying’ nos Açores, que “regra geral” ocorrem nas imediações das escolas ou no percurso até à escola e no espaço virtual.

“É um aumento ligeiro. As escolas têm o problema controlado internamente e tentam resolver estes assuntos internamente sempre que há um conflito, mas

muitas vezes acontece nas imediações [das escolas]”, disse a coordenadora nos Açores da APAV, Helena Costa, em declarações à Lusa, frisando que as escolas do arquipélago têm apostado na prevenção.

Embora sem avançar com números, admitiu que aparecem mais denúncias, um aumento que justifica por ser também um problema “mais focado na comunicação social”. “Muitas vezes, estamos a fazer um atendimento a uma criança por causa de um problema que não está relacionado com ‘bullying’ e é no decorrer deste atendimento que ela nos conta que é vítima de ‘bullying’.

Portanto, o silêncio também é o maior inimigo nesta tentativa da APAV em apoiar as vítimas de ‘bullying’”, disse, alertando que os pais têm de estar atentos “a sinais muito subtils”, como uma recusa



Bullying virtual através da internet nas redes sociais é uma nova realidade

em frequentar as aulas ou em ir para os intervalos.

De acordo com Helena Costa, são sobretudo telefonemas e e-mails que chegam à APAV com estas denúncias. “Batem-nos à porta muitos miúdos, mas sobretudo telefonam ou enviam e-mails crianças que se sentem prejudi-

çadas por outros colegas na sua vida quando são vítimas de ‘bullying’”, avançou.

Helena Costa disse que a APAV tem apostado nos últimos anos em ações de informação e sensibilização que já abrangeram centenas de professores e alunos, em todas as escolas dos Açores, e que

incidiram sobre estudantes do 7.º, 8.º e 9.º anos. “Além disso, as escolas, quando têm um problema, contactam-nos. Isto tem acontecido em situações de ‘bullying’ ou violência no namoro. Mas o que é importante, e as vítimas de ‘bullying’ têm de ter isto em consideração, é que devem contar a alguém, porque enquanto não contarem ninguém vai poder ajudar”, frisou.

A questão do ‘ciberbullying’ é outra das temáticas focadas pela APAV no seu trabalho de sensibi-

**Helena Costa alerta para a supervisão dos adultos em relação ao que se passa com os filhos nas redes sociais**

lização, tendo Helena Costa alertado para a supervisão que os adultos devem fazer em relação ao que se passa com os seus filhos “nas redes sociais”. “Sempre existiram situações de ‘bullying’ entre crianças. O que está a acontecer é que existem novas formas de ‘bullying’, nomeadamente, através do recurso à internet e às redes sociais e, portanto, vão sempre surgindo novas situações que podem configurar ‘bullying’”, sustentou, considerando, contudo, que as vítimas têm “muita relutância” em denunciar. ♦

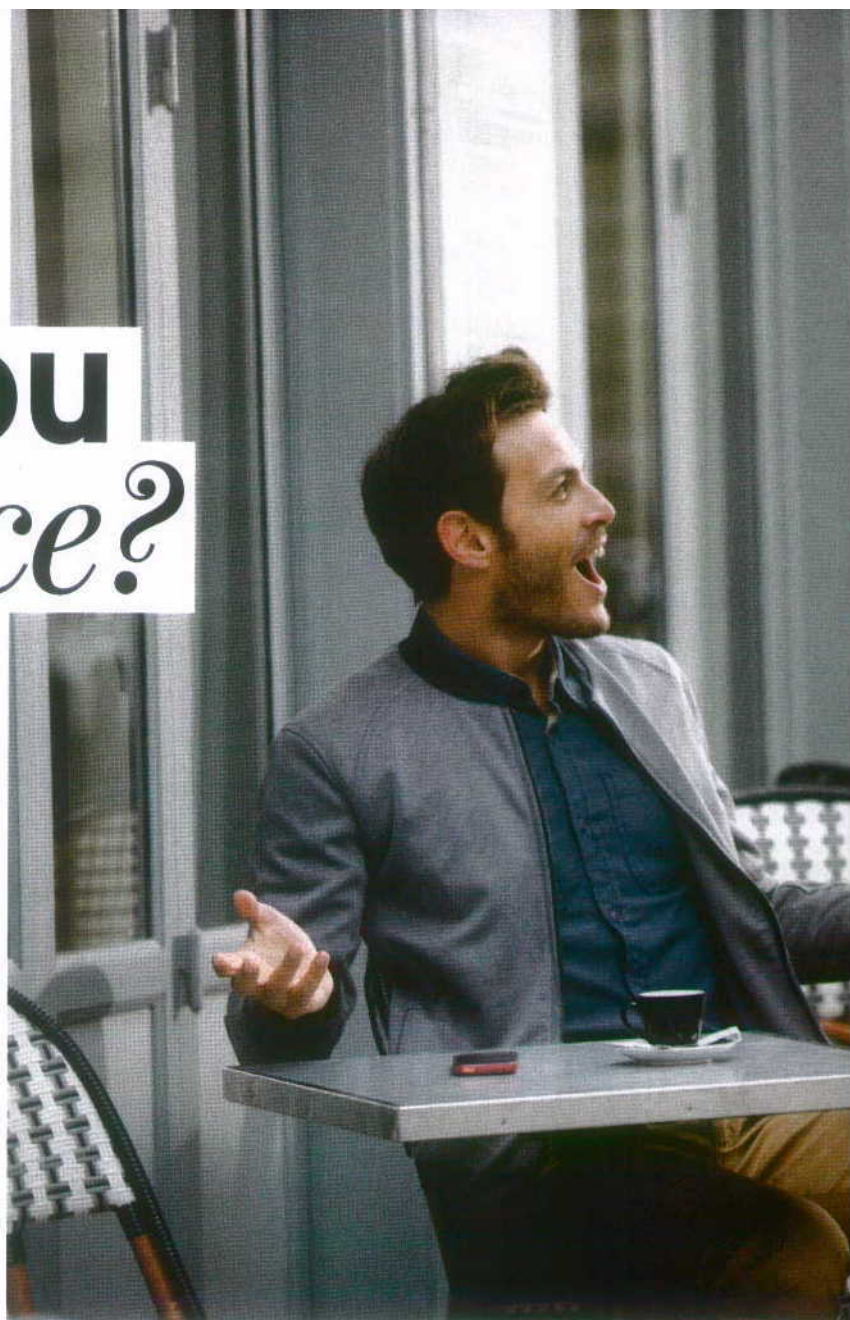


SOCIEDADE /  
*assédio verbal*

# Piropo ou *javardice*?

Até que ponto é que as 'bocas' que já todas ouvimos ao andar na rua, umas mais ordinárias do que outras, constituem um crime? Seremos obrigadas, nós e as nossas filhas, a continuar a ouvir os palavrões mais cabeludos e as descrições mais gráficas do que nos faziam se pudessem?

Por Ana Cáceres Monteiro



**"A**inda dizem que as flores não andam..." ou "o teu pai deve ser terrorista, tu és cá uma bomba!" são comentários que muitas de nós já ouvimos ao passar e que, num certo contexto, por não serem ordinários e ditos de longe, até se tornam engraçados. São piropos, cuja definição é a seguinte: "Palavra ou frase lisonjeira que se dirige a uma pessoa revelando que se acha essa pessoa fisicamente atraente; galanteio."

Há uma longa lista deles mas muitos assumem contornos menos românticos, como o clássico "és toda boa!" ou o muito ouvido "lambia-te toda". O pior é que muitas vezes não só não têm graça nenhuma como incluem ordináries de fazer corar um camionista e, em alguns casos, cerco físico, que pode passar pela simples aproximação corporal mas que pode culminar em apalpos.

Por constituírem uma tradição latina, há ainda quem considere que esta prática se justifica, obrigando as mulheres, algumas das quais não passam de crianças de 12 ou 13 anos, a serem brindadas com manifestações de júbilo selváticas quando passam por um grupo de homens,

já que estes, quando estão entre pares parecem ser mais propensos a fazê-lo, por sentirem as 'costas quentes' ou por mero exibicionismo.

O Bloco de Esquerda (BE) trouxe o piropo para a discussão pública com a intenção de o criminalizar, levando ao Parlamento uma proposta que classifica como crime o assédio sexual, incluindo o assédio verbal, e outra para perseguição, designada habitualmente pelo termo inglês *stalking*. O BE cita posições e estudos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) para argumentar que a constituição do crime de assédio sexual é essencial para criar um efeito dissuasor. Assédio sexual é a proposta continuada de "favores de natureza sexual" ou "comportamento de teor sexual indesejado, verbal" (é aqui que entra o piropo) ou não verbal, de uma forma que atente contra a dignidade humana. Entre os exemplos citados no texto do BE, estão situações de assédio sexual entre professores e alunos, passando pela agressão a que jovens mulheres e adultas estão sujeitas nas ruas, os quais,





## Convenção de Istambul

A Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e à Violência Doméstica entrou em vigor no dia 1 de agosto de 2014. Portugal foi o primeiro Estado-membro da União Europeia a ratificar este instrumento jurídico internacional legalmente vinculativo que enquadra a proteção das mulheres contra todas as formas de violência. Estabelece, igualmente, um mecanismo específico de monitorização para garantir a efetiva implementação pelos Estados que a adotem. Conhecida como Convenção de Istambul por ter sido aberta à assinatura na cidade turca em maio de 2011, a legislação entra agora em vigor em 14 países, nomeadamente Albânia, Andorra, Áustria, Bósnia e Herzegovina, Dinamarca, Espanha, França, Itália, Malta, Montenegro, Portugal, Sérvia, Suécia e Turquia. Para o Bloco de Esquerda, no âmbito da Convenção de Istambul, o assédio sexual deveria igualmente ser crime. Os bloquistas incluem de forma clara o assédio sexual verbal no projeto-lei: "Quem, reiteradamente, propuser ou solicitar favores de natureza sexual, para si ou para terceiros, ou adotar comportamento de teor sexual indesejado, verbal ou não verbal, atentando contra a dignidade da pessoa humana, quer em razão do seu caráter degradante ou humilhante, quer da situação intimidante ou hostil dele resultante, é punido com pena de prisão até três anos, se pena mais grave não lhe couber por outra disposição legal."

segundo o partido, provocam "custos no desenvolvimento da personalidade de jovens adolescentes, vítimas privilegiadas destes comportamentos". O tema foi trazido para a ribalta no Fórum Socialismo 2013, com a mesa-redonda 'Engole o Teu Piropo', na qual as organizadoras defenderam que o piropo deveria ser criminalizado. Para definir *stalking*, os partidos presentes no fórum inspiraram-se na Convenção de Istambul, que considera que este consiste num comportamento de "perseguição, intimidação, ameaça e ou contactos e comunicações indesejadas, de forma continuada e persistente". Atualmente, está a ser discutido em sede de especialidade um projeto de lei do BE sobre assédio sexual, mas ainda não há data prevista para a sua votação.

## A polémica

Depois da proposta do Bloco de Esquerda, rapidamente se levantaram vozes críticas. Que o piropo é um companheiro habitual das mulheres, que não é grave, que é ridículo passar a ser crime. Que a ideia de o criminalizar é uma parvoíce de feministas da esquerda caviar. Que só as feias

é que são contra os piropos, porque têm inveja de não os ouvirem. Que quem não gosta de piropos são as lésbicas, porque não gostam de homens, e toda uma série de incongruências e frases misóginas, proferidas, curiosamente (ou não assim tão curiosamente, não fôssemos muitas vezes as nossas piores inimigas), tanto por homens como por mulheres. Li num *blog*, entre um chorrilho de disparates, que a criminalização seria "meter uma mordaça na boca dos trollhas e dos marialvas, impedindo-os de exercerem a sua liberdade de expressão". Como se fôssemos obrigadas a ouvir javardices quando passamos e a liberdade de outros as dizerem não colidisse com o nosso direito de não as ouvirmos.

Inês Ferreira Leite, assistente em Ciências Jurídico-Criminais na Faculdade de Direito de Lisboa desde 2001, com mestrado na mesma área, escreveu sobre o assunto no *site* Maria Capaz, lembrando que o piropo não é inofensivo: "Os piropos são desagradáveis e às vezes ofensivos, mas o mais grave é que refletem uma cultura masculina de agressividade sexual e, ainda mais grave, de sujeição da mulher à vontade do homem. Mais, os piropos, quando



## SOCIEDADE

Depois da proposta do Bloco de Esquerda, rapidamente se levantaram vozes críticas que afirmaram que o piropo é um companheiro habitual das mulheres e é ridículo que passe a ser crime. A ideia de o criminalizar é, dizem os críticos, uma parvoíce de feministas da esquerda caviar.

vêm acompanhados por algum encurtamento da distância física, geram medo. Podia dizer temor, mas o que se sente, não raramente, é mesmo medo. Medo desse bicho papão que é a violação. O medo que os piropos geram nas mulheres, medo este que também sinto, claro, é um medo simbólico, irracional, que corresponde mais a uma lembrança do que pode faltar-nos, a qualquer momento: a esfera de segurança e conforto, da qual julgamos que os homens desfrutam (o que nem sempre é o caso, aliás).” A jurista, que foi assessora do secretário de Estado adjunto e da Justiça entre 2006 e 2009, acrescentou que o piropo se apresenta como uma lembrança desagradável e inconveniente da nossa condição de mulheres, da nossa fragilidade, da nossa impotência, caso algum homem decida efetivamente atacar-nos, ali mesmo, no meio da rua. Até pode ser que os piropos encerrem em si, deliberadamente, tais propósitos, o que reflete uma cultura de agressividade sexual e de sujeição da mulher ao homem, ou seja, de inferiorização das mulheres, e pode ter o propósito expresso de fazer as mulheres sentirem que no espaço público estão sempre sujeitas à violência masculina, ou seja, de as fazer sentir que no espaço público estão sempre em situação de insegurança e de dependência em relação à vontade dos homens, restringindo a sua liberdade e o seu livre arbítrio.

Ainda assim, Inês Ferreira Leite considera que o discurso da criminalização do piropo não a representa, nem como mulher nem como penalista. Isto porque “contribui para uma visão do feminismo” com a qual não se identifica, e porque a jurista não parte do pressuposto de que todos os homens são uns alarves machistas ou potenciais agressores sexuais. Por isso, não vê toda e qualquer abordagem feita por um homem, mesmo na rua, como agressiva ou ofensiva. “Depende dos casos”, opina. Já Maria Clara Sottomayor, juíza-conselheira do Supremo Tribunal de Justiça e membro da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, é da opinião de que o silêncio da lei em relação ao assédio sexual nas ruas não é inocente. Tem o significado ideológico de perpetuar um sistema em que o único sujeito é o homem e a propriedade, o direito fundamental, por excelência. “A verdade é que o ‘piropo de rua’, como de forma eufemística o designa a sociedade, tentando esconder a violência que lhe é inerente, é uma discriminação das mulheres, numa cultura que objetiviza o seu corpo e lhes nega o estatuto de sujeito. É uma espécie de folclore machista que as mulheres, desde os primeiros sinais de puberdade, são obrigadas a suportar em silêncio



e com consequências danosas para o seu desenvolvimento e para a sua liberdade”, escreveu na Notícias Magazine. A jurista vai mais longe: “Quando está em causa a autodeterminação sexual das mulheres e das crianças, a resposta do sistema é sempre a mesma: ‘Não se pode confundir direito penal com moral.’ Mas não é assim que pensam as instâncias internacionais. Em matéria de direitos humanos, não pode haver concessões à cultura. O assédio sexual é, afinal, como o considera o Conselho da Europa, na Convenção de Istambul, ratificada por Portugal, uma forma de violência de género, que se dirige às mulheres pelo facto de o serem, e que os Estados têm o dever de punir. Tudo o resto são vozes datadas na História, como o foram as vozes que rejeitavam a autonomização no Código Penal do crime de abuso sexual de crianças ou que defendiam a abstenção do Estado perante a violência doméstica.” ●



**OPINIÃO NO PORTAL DO DISTRITO**[WWW.SETUBALNAREDE.PT](http://WWW.SETUBALNAREDE.PT)

**CONCEIÇÃO  
PEREIRA**  
Antropóloga  
e professora  
desempregada

**EDUCAÇÃO****A violência na juventude**

Como imagens televisivas recentemente divulgaram, a violência entre os jovens, grassa a passos largos para a construção duma sociedade mais violenta, menos tolerante e mais embutida de valores intrinsecamente miseráveis.

Há aqui uma ideia que enquanto gestora do gabinete de Apoio á vítima de Setúbal da APAV, já havia há 10 anos que não fazia sentido: a violência no namoro era normal e consistia em fazer transparecer carinho. Os jovens iludiam-se e faziam da sua relação e do seu registo, uma forma banal de vida.

Como dar volta ao assunto? Investindo nas camadas mais novas e nos jovens, ou seja, na educação, nas escolas, nas universidades, nos meios lúdicos frequentados por jovens, nas ruas através de animações, enfim, em torno da vida saudável e respeitadora dos valores mais básicos que são a dignidade humana. Mostrar ao mais novos, que se conheceram modelos anteriores de violência social, psicológica ou física, isso não significa que sejam eles a perpetuar esses mesmos caminhos. Pode-se mudar a qualquer momento. É uma questão de atitude e de uma das partes dizer “- Pára!”.

Há outras maneiras de viver que não passam pela violência, mas sim pelo diálogo, até entre gerações, coisa muito importante e que eu sempre defendi como inquestionável.

Ainda há pouco tempo, estive na Escola Lima de Freitas, para assistir a um evento sobre a violência e a sala estava cheia. O assunto interessa aos jovens como, não um fait-divers, mas como algo de substancial, algo que os leva a outras reflexões, até mesmo sobre si próprios. Vêm-se obrigados a questionar-se e a questionar situações onde já se viram “encurralados” pelo torvelinho das emoções. É bom que assim seja.

Que estas iniciativas não terminem e que não passem duma moda, porque há quem não desista.

Leia o texto completo em [www.setubalnarede.pt](http://www.setubalnarede.pt)



Atual

DA **AGRESSIVIDADE**  
À INADAPTAÇÃO À SOCIEDADE

## O QUE SE PASSA

*Pais sem tempo e filhos centrados em si mesmos.  
A média de crimes violentos praticados  
por adolescentes ronda os seis por dia.*

**A**S notícias de *bullying*, agressões e mortes enchem os noticiários. São vários os casos que se tornam públicos, porém, muitos mais são os que desconhecemos e que não são por isso menos relevantes. Fala-se de uma geração agressiva e sem valores, onde os jovens são mais centrados em si próprios e não sabem o que é viver em comunidade. Mas, afinal, de quem é a culpa? “**Dos pais e dos educadores.** Estes comportamentos têm uma base relacional, ou seja, são atribuídos ao trabalho que os

adultos devem ter e que não está a ser feito”, começa por dizer-nos Quintino Aires, psicólogo. Na verdade, de acordo com o especialista, existem duas causas: “**Crescem sem supervisão. Outra falha é a falta de interação com os outros. Chegam à adolescência inaptos. Não desenvolvem competências como a de conseguir perceber quem é o outro e qual o seu papel neste mundo. Acabam por ter comportamentos desadequados. Não sabem viver em sociedade.**” A solução passa por:

**Sabia  
que...**

Pouco mais de um em cada três estudantes com idades entre os 13 e os 15 anos em todo o mundo são regularmente vítimas de *bullying* na escola?

Casos que **CHOCAM O PAÍS**

■ Em 2011, era divulgado um vídeo no Facebook onde se vê uma jovem a ser agredida. As imagens, captadas junto ao Centro Comercial Colombo, chocaram o País. Entre os autores do crime, uma jovem de 16 anos e outro de 18

foram detidos pela Polícia. Já outra jovem viu o seu caso ser remetido para o Tribunal de Família e Menores.

■ Um jovem de 15 anos suicidou-se em janeiro do ano passado depois de ter sido gozado no recreio. Ao que tudo indica, foi

colocado em tronco nu com as calças para baixo enquanto lhe davam palmadas no rabo. Tudo isto numa escola em Braga.

■ Em março deste ano, um jovem, militar das Forças Armadas, suicidou-se por não aguentar os insultos dos colegas



# COM OS jovens de hoje?



“Ajudar os pais a perceber que a necessidade de atender aos outros não é inapta. Por isso, ou fazem esse trabalho ou terão jovens revoltados, este resultado triste que vemos diariamente nas televisões. O caso da Figueira da Foz (ver caixa) reflete uma realidade repetida centenas de vezes, todos os meses, no nosso País.”

Mas quais são, no fim de contas, as consequências de uma infância e adolescência sem acompanhamento? “Crescemos egoístas, agressivos, autocentrados, rancorosos, frustrados. Basta olharmos para o comportamento de crianças pequenas de dois, três

anos. Todos os problemas vão surgir na adolescência e na idade adulta”, remata o Dr. Quintino.

## “Famílias fazem bullying”

Ainda que não seja considerado crime, o *bullying* tem consequências futuras. Só em Portugal, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) tem em mãos cerca de 92 casos referentes a 2014. No entanto, são muito mais os registados em Portugal, o que nos coloca

entre os países com uma taxa mais alta. No mundo inteiro, estima-se que pouco mais de um em cada três estudantes, com idades entre os 13 e os 15 anos, sejam regularmente vítimas de *bullying* na escola. “São dados preocupantes. Estamos a referir-nos, e aqui falo dos casos que temos em mãos, de jovens entre os 12 e os 16 anos”, diz-nos Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, lembrando que o *bullying*

(continua no página seguinte)

## ADOLESCENTES cometem seis crimes por dia

Em todos os dias de 2014, houve um registo de mais de seis crimes cometidos por jovens entre os 12 e os 16 anos. Os dados apresentados recentemente no Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) refletem um aumento de 23,4 por cento.

que o consideravam homossexual. O corpo do jovem de 23 anos foi encontrado após uma festa em que fora verbalmente torturado. ■ Um jovem de Massamá levou para escola cinco

facas, gás pimenta, três frascos de álcool, uma caixa de fósforos e um isqueiro. Por sentir-se desprezado por quem o chamava de betinho. Esfaqueou três colegas e uma funcionária.

■ Já este mês, propagou-se pela internet de modo viral um vídeo onde Jorge Oliveira, da Figueira da Foz, é filmado por alguns colegas, que lhe batem com murros e pontapés.





Atual

## 3 DICAS

## para LIDAR COM O BULLYING

- Tente perceber primeiro o que aconteceu;
- Não tire o seu filho imediatamente da escola: sair da rotina de uma forma repentina não é benéfico. Tente perceber primeiro o que aconteceu;
- Exija uma estratégia de apoio por parte da escola. E aqui incluímos agressor e agredidos.



## "Os nossos jovens são SOLITÁRIOS"

(Continuação da página anterior)

é "uma continuidade de ações violentas que implicam ofensas à integridade física, diminuição da autoestima, etc. Por norma, é associado aos jovens e é feito em grupo", refere. De seguida, o especialista nomeia as várias formas de *bullying*: "O físico, o sexual, o verbal, o *ciberbullying* e o homofóbico."

Mas, o que se passa com os adolescentes?

"Os nossos jovens são solitários. Têm televisão e computador no quarto. Fecham-se no seu mundo e vivem para si mesmos! Por não ser um crime, e pelo facto de os jovens não terem autonomia para virem aqui sozinhos, alguns casos já contam com mais de seis meses. Essa é uma das características do *bullying*, o facto de ser continuado." Qual a

melhor forma de lidar com esta situação?

"Os pais não sabem o que fazer. Muitas vezes fazem o contrário e acabam por ser afetados por esta situação. O círculo familiar é afetado. Os jovens não percebem por que lhes aconteceu isto e acham que a pai e a mãe não os conseguiram proteger. Surgem sentimentos de revolta

e comportamentos suicidas", conta Daniel Cotrim. "Às vezes a própria família faz *bullying* quando os filhos contam o que se passa. Do tipo 'Não te defendeste? És um mariquinhas'. Ou então as famílias trocam de casa ou de escola, o que não é o mais correto. Estão a fugir do problema em vez de o resolver."

Texto: Maria Marques. Aparecimentos: Dr. Quirino Aires e Daniel Cotrim (APM), foto: Impávida

## AGRESSIVOS nos NAMOROS

Vinte e cinco por cento dos jovens têm comportamentos abusivos para com o companheiro e 22 por cento confessam já ter sido vítimas. São estas as conclusões de uma investigadora portuguesa, num estudo feito com 1500 estudantes, entre os 15 e os 20 anos. Bofetadas, insultos e difamações são as agressões mais comuns.

## AUMENTAM adolescentes condenados por crime violento

Em 2010, eram 153 os jovens reclusos, entre os 16 e os 21 anos, que cumpriam pena por crimes graves nas cadeias portuguesas. De acordo com a Direção-Geral dos Serviços Prisionais, destes 11 foram condenados por homicídio, oito por ofensas à integridade física e nove por violação. A maior parte (66) cumpre pena por roubo violento. Só dez cumprem pena efetiva por tráfico de droga. Números que têm aumentado nos últimos anos.





ID: 59406985

23-05-2015

# APAV ensina na escola jovens a defenderem-se



Rómulo Neves apresentou o projeto de sensibilização com a APAV destinado aos alunos da Jaime Moniz.

Paula Abreu  
mfernandes@jornaldamadeira.pt

O projeto Cambridge, pioneiro na Escola Secundária Jaime Moniz em termos regionais, ao nível da certificação da universidade britânica, nos níveis FCE (First Certificate in English); CAE (Cambridge Advanced English) e CPE (Cambridge Proficiency in English), pretende crescer no próximo ano. Atualmente com 70 alunos e sete professores, o projeto tem preparado os alunos para o Inglês e não só. Tem também criado parcerias com instituições que

ajudam na formação académica e pessoal dos alunos. Para além de ter sido através de uma parceria com a Embaixada dos Estados Unidos da América, que uma aluna do 12.º ano do Liceu, Laura Andrade, venceu um concurso que a vai levar durante um mês aos EUA, para um programa do Instituto Benjamin Franklin, o projeto da escola vai desenvolver uma cooperação com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Segundo Rómulo Neves, no ano passado, a escola já tinha realizado uma ação de sensibilização com a APAV, com vista à justiça social.



**O OBJETIVO DO PROJETO COMUM COM A APAV É ENSINAR OS JOVENS COMO SE PODEM DEFENDER, SEMPRE COM BASE NO DIÁLOGO, NA COMPREENSÃO, E NÃO COM A AGRESSIVIDADE, NA ARROGÂNCIA E NA INTIMIDAÇÃO PELO OUTRO. OU SEJA, QUE O CONHECIMENTO SEJA USADO DA MELHOR FORMA POSSÍVEL NA FORMAÇÃO INDIVIDUAL DE CADA UM.**

Para 2016, a ambição é maior. Já com uma visita de estudo à Escócia, em fevereiro, aberta a todos os alunos a frequentar o projeto Cambridge no "liceu", «submetemos, através da APAV, uma candidatura europeia para o financiamento para um projeto a implementar na Escola Jaime Moniz no próximo ano letivo, nesse âmbito», revelou o responsável. O docente realçou que a escola Jaime Moniz é «muito dinâmica. Tentamos que a formação não se limite apenas à formação académica».

Assim, e com o projeto em comum com a APAV, o objetivo é «ensinar os jovens como se

podem defender, sempre com base no diálogo, na compreensão, e não com a agressividade, na arrogância e na intimidação pelo outro. Ou seja, que o conhecimento seja usado da melhor forma possível na formação individual de cada um», frisou.

Para além disso, acrescentou Rómulo Neves, a missão da "Jaime Moniz" não se cinge à formação académica, apesar de ser essa a sua principal função. «Somos uma escola secundária muito voltada para o ensino superior, formamos bons médicos, engenheiros, professores, políticos mas com uma formação pessoal também muito bem trabalhada. E é por aí que estamos aí», acrescentou.

Um exemplo concreto disso mesmo é o concurso ao qual Laura Andrade se candidatou, a nível nacional, e venceu, tornando-se na representante portuguesa no Benjamin Franklin Transatlantic Fellows Summer Institute. A jovem de 18 anos complementa a opinião do seu professor, ao nível do trabalho desenvolvido em prol da formação pessoal dos estudantes. Isso porque, como explicou, o programa no Instituto Benjamin Franklin exige que cada participante (cerca de 40 a nível europeu, para além dos alunos norte-americanos) apresente um projeto próprio ao nível do empreendedorismo social.

«Nós tentamos sempre ser melhores como cidadãos e o meu projeto será com o intuito de promover a igualdade de género, que é um problema que me afeta pessoalmente e pelo qual tenho interesse e tenho o objetivo de melhorar a nossa sociedade», confessou. Aos 18 anos, admitiu que já nota a desigualdade entre géneros.

«Desde cedo, sempre vi com clareza esta diferença. Às vezes podia ser subtil. Revoltava-me e lutava sempre para um tratamento igual, leio sobre isso, interesso-me e acho que é um problema sério que temos de resolver para termos uma sociedade melhor», concluiu.



## SOCIEDADE

# PGR: defesa da vítima não pode pôr em causa direitos dos arguidos

Joana Marques Vidal considera que a defesa dos direitos da vítima não pode ser feita à custa dos direitos dos arguidos. Já a secretária de Estado da Igualdade defende que o sistema judicial português dá mais atenção ao agressor

Por: Redação / MM/SS - atualizada às 23:02 | 13 de Maio às 20:44

A Procuradora-geral da República defendeu esta quarta-feira que a defesa dos direitos da vítima não pode ser feita à custa dos direitos dos arguidos. Joana Marques Vidal considera que há vários desafios na transposição da diretiva europeia relativa às vítimas de crimes.

As declarações foram feitas no âmbito da Conferência "Vítimas de Crime na Europa: O futuro é agora!", que assinala os 25 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e da organização internacional 'Victim Support Europe'.

Entre os vários desafios, a Procuradora-geral da República (PGR) disse que há uma questão de fundo que a preocupa e à qual deve ser dada atenção e cuidado.

*"É importante que todo este movimento de defesa e proteção da vítima de crime seja compatível com aquilo que é o essencial da filosofia e da conceção da intervenção penal em Portugal."*

Na opinião da PGR, a centralidade da vítima não pode ser conquistada à custa de "qualquer ofensa ou menor proteção daquilo que é, por um lado, os direitos dos arguidos, nomeadamente o direito de defesa".

*"Também não pode ser concebida pondo em causa aquilo que no essencial é a matriz e a filosofia do nosso direito penal."*

Para Joana Marques Vidal, trata-se de um "desafio ético e cívico", de modo a ser possível criar uma arquitetura legal que consiga equilibrar "os direitos das vítimas sem, por qualquer forma, por em causa os direitos dos outros intervenientes, designadamente os direitos dos arguidos".

*"Penso que temos todas as condições para o conseguir fazer", defendeu, acrescentando que os direitos das vítimas são "uma das questões mais interpelantes da doutrina e do futuro do direito penal na Europa e no mundo".*



## Santarém vai dançar contra a violência

**PROTESTO** A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no âmbito da celebração dos 25 Anos, promove no dia 30 de Maio o evento “Dançar Contra a Violência” em Santarém. A acção terá lugar no Largo do Seminário, homenageando todas as vítimas de crime e como forma de protesto contra qualquer crime. Nesta manhã de sábado todos os participantes serão convidados a dançar as coreografias dinamizadas pelos professores “pro bono” do ginásio Scape. O evento irá contar com apresentação de Diana Chaves. Cada música será dedicada a grupos específicos de vítimas de crime: crianças abusadas sexualmente, mulheres vítimas de violência doméstica, vítimas de homicídio, pessoas idosas vítimas de crime e de violência, vítimas de discriminação racial e étnica; entre outros. No final será dançada uma coreografia para a canção “Cansada”, um hino da APAV pelas vítimas, pelos dançarinos Vasco e Carla Serranho da Escola Jardim de Tango. Os participantes são convidados a vestir uma t-shirt branca, simbolizando a paz, e a adquirir uma fita encarnada a colocar no pulso, como símbolo de protesto contra o crime. As pulseiras têm o preço de 1€, estarão à venda no evento e encontram-se desde já disponíveis na APAV (Gabinete de Apoio à Vítima de Santarém) e no ginásio Scape.

No próximo dia 21 de Maio realiza-se uma conferência de imprensa de apresentação do evento à comunicação social e à comunidade local. A conferência terá lugar no W Shopping Santarém (piso restauração), pelas 18h30.



## ***Dançar contra a violência em Santarém***

**Iniciativa decorre no âmbito das comemorações dos 25 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e vai contar com a participação de algumas figuras do mundo do espectáculo.**

Edição de 2015-05-28

A actriz Diana Chaves vai apresentar a iniciativa “Dançar Contra a Violência” que se realiza no Largo do Seminário, em Santarém, no sábado, 30 de Maio, pelas 11h00. O evento insere-se no âmbito da celebração dos 25 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que organiza a iniciativa. O objectivo é homenagear todas as vítimas de crime e violência, para além de ser uma forma de protesto contra qualquer crime. O anúncio do espectáculo foi feito na semana passada pela vereadora da Acção Social, Susana Pita Soares, e a gestora do Gabinete de Apoio à Vítima da APAV Santarém, Carmen Ludovino, em conferência de imprensa.

Todos os participantes vão ser convidados a dançar as coreografias apresentadas que são dedicadas a grupos específicos de vítimas: crianças abusadas sexualmente, mulheres vítimas de violência doméstica, vítimas de homicídio, pessoas idosas vítimas de crime e de violência, vítimas de discriminação racial e étnica, entre outros. Os participantes também vão ser convidados a vestir uma t-shirt branca, como símbolo da paz, e podem adquirir uma fita encarnada para o pulso, como símbolo de protesto contra o crime. Esta fita custa um euro e vai estar à venda no dia do evento ou, antecipadamente, no gabinete da APAV Santarém.

A vereadora Susana Pita Soares afirmou que quando se fala na celebração dos 25 anos da APAV “lembramo-nos” de um casamento em que se celebra o amor e a partilha. “Infelizmente, muitas mulheres, crianças, jovens, e também homens, vivem histórias de medo. Nada é mais vil do que descarregarmos sobre o outro o nosso dia-a-dia, as adversidades e as frustrações que levam algumas pessoas a atitudes indignas e condenáveis”, disse.

Susana Pita Soares lembrou que a APAV existe porque, muitas vezes, cala a dor daqueles que são vítimas de maus-tratos. Acrescentou que as denúncias estão a aumentar mas os casos de violência não, o que demonstra que hoje as pessoas têm mais coragem para denunciar os maus-tratos.

A autarca terminou a sua intervenção revelando que sonha “todos os dias” para que não haja necessidade da existência de um gabinete da APAV em Santarém, o que seria um sinal de que todas as crianças, jovens, mulheres, idosos, e também alguns homens, teriam uma vida digna.

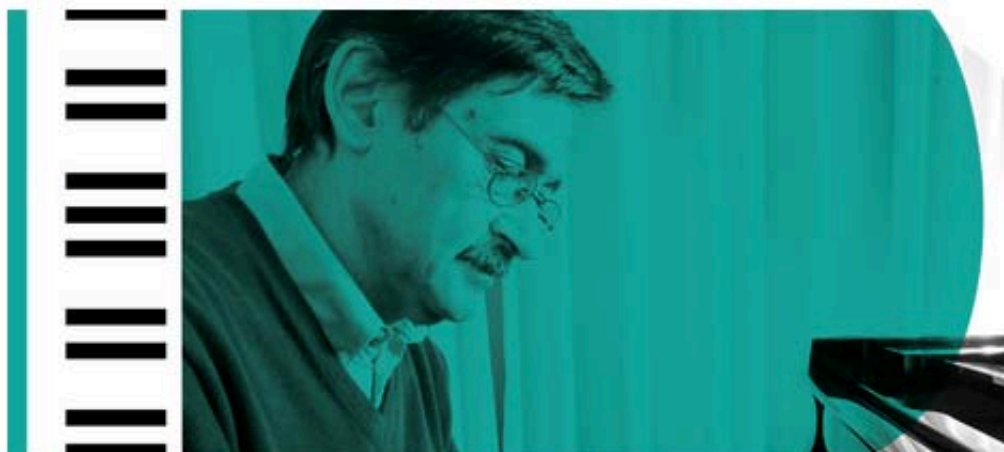
A canção-hino da APAV - com letra e música do jornalista Rodrigo Guedes de Carvalho - vai ser cantada por Maria Teresa Azoia. No final será dançada uma coreografia da canção “Cansada”, pelos dançarinos Vasco e Carla Serranho, em homenagem a todas as vítimas.



# ARTE/ FACTOS

## APAV CELEBRA 25 ANOS COM CONCERTO

Abril 24, 2015 · by Arte-Factos · in música, notícias



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (**APAV**) assinala o seu 25º aniversário no dia 25 de Junho. Para celebrar a data, **Jorge Moyano** associa-se à associação num recital de piano na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Nessa noite, que tem início marcado para as 21h, o músico irá interpretar obras de Chopin, Debussy, Ravel e Gershwin.

O bilhete tem o valor de 10€ e irá reverter a favor da APAV. Podem encontrá-los à venda [aqui](#).



## APAV NO HOT CLUBE

· 05 MAI 2015 · 10:46 ·



No próximo dia 20 de Maio, a APAV celebrará vinte e cinco anos de vida com dois concertos a ter lugar no Hot Clube, em Lisboa. Os HAKKEN (João Hasselberg, João Firmino e João Pereira) e um trio composto por Rodrigo Amado, Miguel Mira e João Lencastre subirão ao palco do espaço lisboeta pelas 22h30, com as receitas de bilheteira a reverterem inteiramente para a associação.

**Paulo Cecílio**  
pauloandrececilio@gmail.com





## Concertos

### Quarta-feira 20

#### Jazz

##### \* Amado/Mira/Lencastre + HAKKE

*Hot Clube de Portugal, Pr da Alegria 48. 21 346 0305/21 361 9740. Avenida. 22.30 e 00.00; 5-10€. [www.hcp.pt](http://www.hcp.pt). A Noite Solidária APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) propõe um concerto duplo: às 22.30 apresenta-se o trio com Rodrigo Amado (sax, o mais internacional jazzman português), Miguel Mira (violoncelo, parceiro de Amado no Motion Trio) e João Lencastre (bateria, que já lançou cinco CDs do seu projecto Communion). As 00.00 toca o trio HAKKE, com João Firmino (guitarra), João Hasselberg (baixo) e João Pereira (bateria).*

### Quinta-feira 21

#### Clássica

##### Festival Música Viva (1) O' Culto Da

*Ajuda, Tv das Zebbras 25/27, Ajuda. BUS 15E, 714, 728, 729. 21.30. O festival de música contemporânea Música Viva, que atinge este ano a 30.ª edição, abre com o Soud'Ar-te Electric Ensemble, com direcção de Pedro Carneiro, tocando peças de Luis Antunes, Bruno Gabirro, Giuseppe Gavazza, Rui Penha e Ricardo Ribeiro. Durante a duração do festival, até 30 de Maio, poderá desfrutar-se, entre as 20.30 e as 21.30, das instalações audiovisuais *Sisyphus Stone*, *Data Shaped*, *Anthology* e *My City My Sounds*. O festival inclui também conferências, cursos e workshops. Como é habitual no Música Viva, muitas das obras apresentadas são estreias absolutas.*

##### Strauss, Stravinsky, Tchaikovsky

*Fundação Calouste Gulbenkian, Av de Berna 45A. 21 782 3000/30. Praça de Espanha/São Sebastião/BUS 716, 726, 756. 21.00; 12-22€. [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt).*

Tchaikovsky não escreveu nenhum concerto para violoncelo, mas deu ao instrumento um papel solista nas *Variações sobre um Tema Rococó* op.33 (1877). Nesta ocasião, o solista será Pavel Gomziakov, acompanhado pela Orquestra Gulbenkian, com direcção de Joana Carneiro. As outras peças do programa são mais substanciais: o poema sinfónico *Don Juan* op.20 de Richard Strauss, uma admirável obra de juventude inspirada pela versão do poeta romântico Nikolaus Lenau da lenda a que Tirso de Molina deu os contornos mais conhecidos; e a suite do bailado *Petrushka*, de Stravinsky, uma fantasia de ritmos energéticos e deslumbrante colorido. *Petrushka* pode também ser ouvido na versão para piano na sexta-feira, no Festival de Sintra.

#### Jazz

##### Vertigo Hot Clube de Portugal, Pr da

*Alegria 48. 21 346 0305/21 361 9740. Avenida. 22.30 e 00.00; 5-10€. [www.hcp.pt](http://www.hcp.pt).*

Em 1993, ergueram-se fronteiras dentro do que era a Checoslováquia, mas isso não impede que os jazzmen das Repúblicas Checa e Eslovaca continuem a associar-se, como acontece nos Vertigo, onde alinham Oskar Török (trompete), Marcel Barta (sax), Dorota Barová (violoncelo), Vojtech Procházka (piano), Rastislav Uhrík (contrabaixo, baixo eléctrico) e Daniel Soltis (bateria). O grupo, que foi fundado em 2002 como quinteto e já recebeu vários prémios, estreou-se em 2005 com um CD homónimo e o seu disco mais recente é *TAJ* (2014).

### Sexta-feira 22

#### Clássica

##### \* Anna Pavlova Palácio Nacional de

*Queluz. 21 434 3860. 21.30; 10€. O recital da pianista russa Anna Pavlova (n.1989, Penza), divide-se em duas partes: a 1.ª é consagrada a páginas célebres de Liszt, como o *Soneto n.º 123 de Petrarca*, o *Estudo de Execução Transcendente Mazeppa*, as *Valses Oubliées* n.º 2 e 3, a *Rapsódia Húngara* n.º 6 e o arranjo para o *Lied Erikönig* de Schubert. A 2.ª parte é 100% russa, com a orientalizante *Islamey* de Balakirev, a Valsa op.38 de Scriabin e a versão para piano do feérico bailado *Petrushka* de Stravinsky. Em qualquer dos casos, trata-se de música que requer virtuosismo do mais alto grau (e também vigor físico). Festival de Sintra.*



FESTIVAL MUSICALVÃO //

# 11 concertos para promover música e artistas

O Conservatório Regional de Música de Vila Real (CrMVR) vai realizar durante o mês de Maio a sétima edição do festival Musicalvão. Serão 11 concertos com o primeiro a ter lugar já no próximo sábado, dia 2 de Maio.

Este festival vai contar com a presença de vários músicos e grupos convidados, não deixando também de dar destaque ao trabalho realizado no próprio CrMVR, com concertos de alunos nas mais diversas formações.

O arranque do festival acontece no próximo sábado, às 21h30 na Sé de Vila Real com estreia absoluta da obra Laudate Pueri do compositor italiano

Andrea Basevi, dedicada ao Coro de Vozes Brancas e Orquestra de Cordas do CrMVR.

Além deste concerto inaugural, há picos de interesse em músicos e grupos de excelência, tais como: Eliseu Silva (violino) e Marian Pivka (piano), Trio Ruggeri e Flux Ensemble e Projecto Mátria. Ainda uma novidade neste festival será o espectáculo Repertório Osório, com Luís Fernandes (voz) e Sónia Sobral (acordeão), no dia 8 de Maio às 21h30. Um momento performativo que vai além da própria música e onde poderão ser escutadas "as mais belas canções de amor".

O concerto marca-

do para dia 19 será solidário. O CrMVR associa-se à celebração dos 25 anos da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e o já tradicional Concerto de Professores será o mote para sensibilizar o público para esta causa.

Enquanto festival, o Musicalvão visa promover a música e os artistas. O CrMVR acredita que é também um meio indispensável para dar sentido ao seu projecto educativo, criando referências artísticas para os seus alunos e instigando o interesse pela música e pela arte em geral, a todo o público.



ID: 59062724

30-04-2015

# MusicAlvão começa no sábado com “estreia absoluta”

*Maria Meireles*

● Somando um total de 11 eventos variados que vão decorrer durante todo o mês de maio, o festival MusicAlvão, organizado pelo Conservatório Regional de Música de Vila Real (CrMVR), vai começar no próximo sábado com a estreia absoluta de uma obra do compositor italiano Andrea Basevi.

Edmundo Pires, diretor pedagógico do conservatório, explicou que a obra “Laudate Pueri” foi criada pelo italiano especialmente para os alunos vila-realenses, nomeadamente para o Coro de Vozes Brancas e Orquestra de Cordas do CrMVR, que irão a interpretar na Sé de Vila Real, a partir das 21h30.

“Este festival, tal como nas edições anteriores, irá decorrer ao longo de todo o



Na sua sétima edição, o **FESTIVAL DE MÚSICA CLÁSSICA** “com características singulares” traz este ano várias novidades, entre as quais a estreia de uma obra de um compositor italiano dedicada aos alunos do conservatório vila-realense e um concerto solidário

mês de maio e contará com a presença de vários músicos e grupos convidados, não deixando também de dar destaque ao trabalho realizado no próprio conservatório, com concertos de alunos nas mais diversas formações”, sublinhou Joaquim Escola, diretor do CrMVR.

Para Edmundo Pires,

trata-se de uma oportunidade dos alunos terem uma “vivência prática” sobre o que aprendem nas aulas e ao, mesmo tempo, criarem “referências artísticas” através do contacto com os músicos convidados.

Além do concerto inaugural, a edição do festival traz outras novidades, nomeada-

mente um concerto solidário através do qual serão angariados fundos para apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). “Os eventos do festival são todos de entrada gratuita”, no entanto, no Concerto de Professores, do dia 19 a pessoas “serão convidadas a contribuir dentro das suas

possibilidades” para a APAV.

Outro momento singular da programação do MusicAlvão, e que fará as delícias do público, está marcado para o dia 8, a partir das 21h30, altura em que à música se juntará o teatro. Através do espectáculo “Repertório Osório” (com Luís Fernandes na voz e Sónia Sobral no

acordeão) a música vai fazer rir num momento performático onde poderão ser escutadas “as mais belas canções de Umor”.

Da programação do Festival destacam-se outros “picos de interesse em músicos e grupos de excelência, tais como Eliseu Silva (violino) e Marian Pivka (piano), Trio Ruggeri e Flux Ensemble e o Projecto Mátria”.

As últimas notas da edição deste ano serão dados pelos próprios alunos com a realização do Concerto de Solista que vai encerrar o festival.

“O MusicAlvão visa promover a música e os artistas”, pretende ser “um meio indispensável para dar sentido ao seu projecto educativo”, mas também uma forma de “instigar o interesse pela música e pela arte em geral, a todo o público”, concluiu Joaquim Escola.



25 Maio 2015 • SÁBADO

Diana Chaves será a cara do evento Dançar Contra a Violência que vai decorrer a 30 de Maio, no Largo do Seminário em Santarém. A apresentadora e actriz vai também dançar.

Segundo a APAV, organizadora do evento que também comemora os 25 anos da associação, o objectivo é protestar contra qualquer crime e homenagear "todas as vítimas". Todos os participantes podem dançar, contando com a ajuda de uma professora *pro bono* do ginásio Scape, e são convidados a usar uma *t-shirt* branca (que simboliza a paz) e uma pulseira vermelha, que estará à venda no local por €1.

O evento vai acolher várias danças e cada música é dedicada a vários grupos de vítimas de crimes: mulheres vítimas de violência doméstica, crianças abusadas sexualmente, vítimas de discriminação racial e étnica, vítimas de homicídio, idosos vítimas de violência e crime, entre outros.





# ORDEM DOS ENFERMEIROS

*Pela Qualidade da Enfermagem...*

[Página Inicial](#) [Contactos](#) [Mapa do Site](#)

PESQUISAR

[Secções Regionais](#) • [Açores](#) • [Centro](#) • [Madeira](#) • [Norte](#) • [Sul](#)

// [A Ordem](#)

// [A Enfermagem](#)

// [Membros](#)

// [Colégios](#)

// [Informação](#)

• [Notícias](#)

• [Press Releases](#)

• [Revista da OE](#)

• [Resenhas de Imprensa](#)

• [Newsletters](#)

• [ExpressOE](#)

• [Galeria de Imagens](#)

// [Pareceres](#)

// [Tomadas de Posição](#)

// [Documentos Oficiais](#)

// [Legislação](#)

// [Publicações](#)

// [Inserção Profissional e Empreendedorismo](#)

// [Relações Internacionais](#)

// [Projectos e Programas](#)

// [Eventos da OE](#)

Informação

[Ordem dos Enfermeiros](#) > [Informação](#)

[Notícias](#)

24-04-2015

## Prémio APAV para a Investigação 2015 – candidaturas abertas até 30 de junho



Estão abertas, até 30 de junho de 2015, as candidaturas ao Prémio APAV para a Investigação 2015, organizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), com o apoio da Fundação Montepio. Este prémio tem como objetivo premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV.

O prémio será atribuído a um trabalho inédito das seguintes áreas: Saúde, Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, Pedagogia, etc.

[Consulte aqui o Regulamento do concurso.](#)

[Submeta aqui a sua candidatura.](#)

GCI/PG